

## São Cristóvão (25 Julho / 27 de Julho)

Gr.: *Christophoros* (transporta Cristo). Lat.: *Christophorus*. Fr. Arc.: *Christofle, Christol, Christoly; Christau, Christaud*. Fr.: *Christophe*. It.: *Cristofano, Cristoforo*. Ingl.: *Christopher*. Al.: *Christoph, Christoffel, Stoffel; Christusträger, Stromträger, Rus.: Khristofor*.

Santo fabuloso<sup>1</sup>, cuja legenda não é anterior ao século XI, com esquemas e clichés comuns que lhe aproveitam o nome, Cristóvão (Cristóforo), que transporta Cristo. Certamente, o nome apontava para um sentido espiritual (o que leva Cristo no coração) que a arte pictórica, escultórica ou literária teve de plasticizar e materializar.

O seu nome verdadeiro seria *Auferus* (bandoleiro) ou *Reprobus* (maldito, réprobo). Quando se converteu, fora baptizado como *Cristóforo* (Cristóvão, em português). Os Actos (gnósticos) de S. Bartolomeu, compostos no século VI, falam de um certo *Christianus cynocephalus* (cabeça de cão) e *anthropophagus* (antropófago), que o apóstolo converteu.

Cristóvão, antes do baptismo chamava-se Réprobo; depois, o seu nome foi Cristóvão que significa "*Christum ferens*" (aquele que leva Cristo), pelo facto de ter carregado Cristo de quatro modos: *aos ombros para a travessia, no corpo pelas mortificações, na mente pela devoção e na boca pela confissão ou pregação*.

São Cristóvão, de origem cananeia, era de estatura gigantesca – media doze côvados! – e tinha um aspecto terrível. Tornando-se cristão, movido pelo Senhor, veio à província da Lícia, para O dar a conhecer e pregar, pela força de muita e contínua oração, a fim de enfrentar combates e dificuldades que haveria de suportar. Homem de boa disposição, de alta e grande estatura, tornara-se atracção para os que o viam.

Segundo a tradição popularizada no século XIII pela *Legenda Dourada*, o homem que tinha transportado Cristo aos ombros só poderia ser um gigante. Com tanta força (como um Hércules), só quis servir o rei mais poderoso do universo.

### Legenda

Ao que se lê nalgumas das suas histórias, quando estava com determinado rei dos cananeus, lembrou-se de procurar o maior príncipe do mundo para ver se conseguia morar junto dele. Chegou então a um altíssimo rei que, segundo a fama geral, era considerado o maior príncipe do mundo e que, ao vê-lo, de bom grado o recebeu para que morasse no seu palácio. Um dia, um jogral cantava diante do rei uma canção em que, frequentemente, nomeava o diabo. Como o rei tinha fé em Cristo, quando ouvia falar no diabo, logo fazia o sinal cruz. Ao ver isso, Cristóvão ficou muito admirado com o que fazia e desejou saber que sinal era aquele. Perguntou ao rei, mas ele não lho quis revelar. Então Cristóvão disse-lhe:

– Se não me disseres, não permanecerei mais contigo. Assim obrigado, o rei respondeu:

– Sempre que ouço nomear o diabo faço este sinal sobre o meu corpo, porque receio que ele se apodere de mim e me faça mal.

– Mas, se tens medo que o diabo te prejudique, é porque estás convencido de que ele é maior e mais poderoso do que tu. Por isso, estou frustrado porque, na minha boa-fé, julgava que já teria encontrado o maior e mais poderoso senhor do mundo. Portanto, fica em paz e adeus, porque quero encontrar o próprio diabo para tê-lo por

---

<sup>1</sup> Padre Pedro Rivadeneyra, *Flos Sanctorum*, t. II, pp. 374-375, Barcelona 1790 / Tiago de Voragine, *Legenda áurea*, ed. Portuguesa: Livraria civilização editora, Porto 2004, pp. 33-39. / Cfr. Louis Réau, *Iconografía del arte cristiano*, T. 2 Vol. 3, pp. 354-364, ed. Del Serbal, Barcelona, 2000.

senhor e me tornar seu servo. Então, afastou-se daquele rei e foi procurar o diabo. Quando caminhava por um ermo, viu uma grande multidão de soldados, um dos quais – feroz e terrível – se aproximou dele, a perguntar para onde ia.

– Vou procurar o senhor diabo – respondeu Cristóvão –, para fazer dele meu senhor.

– Sou eu! – disse-lhe o militar.

Cristóvão ficou muito contente e jurou ser seu servo para sempre. Ora, quando ambos passavam por um caminho público, encontraram um cruzeiro. Ao vê-lo, o diabo fugiu aterrorizado, abandonando o caminho e dando uma volta com Cristóvão, por um ermo pedregoso, para voltar novamente ao caminho. Admirado, Cristóvão perguntou-lhe por que razão temia tanto o caminho plano para se desviar por um ermo tão difícil. Como ele não respondia, Cristóvão disse:

– Se não me responderes, deixar-te-ei imediatamente. Assim obrigado, o diabo disse-lhe:

– Um homem, chamado Cristo, foi pregado numa cruz; quando vejo uma imagem dessa cruz, fico cheio de medo e fujo aterrado.

– Portanto, esse Cristo é maior e mais poderoso do que tu, já que receias tanto o seu sinal. Vejo que procurei em vão e ainda não encontrei o maior príncipe do mundo. Então, passa bem! Vou deixar-te e procurar o próprio Cristo.

Depois, tendo buscado durante muito tempo quem lhe desse notícias desse Cristo, chegou finalmente junto de um eremita que lhe falou de Cristo e o instruiu diligentemente na Fé. O eremita disse a Cristóvão:

– Este Rei que desejas servir exige-te que jejues frequentemente.

– Que peça outra coisa, pois isso não farei.

– Deverás fazer muitas orações - continuou o eremita.

– Não sei o que é isso; portanto, não posso satisfazer essa exigência.

– Conheces aquele rio, em que muitos transeuntes correm perigo e morrem?

– Conheço - respondeu Cristóvão.

– Então, como és muitíssimo alto e cheio de força, poderás servir Cristo-Rei, morando junto do rio e transportando os que passam, de uma margem para a outra. Isso ser-lhe-á muito grato e espero que, um dia, Ele te apareça.

– Posso fazer esse serviço e juro que O hei-de servir bem.

Foi para junto do rio e construiu uma choça. Agarrado a um enorme bordão, em vez de um simples cajado, a que se arrimava na água, não se cansava de passar toda a gente de uma para a outra margem. Muitos dias depois, quando descansava na sua casinha, ouviu a voz de uma criança a chamar por ele, dizendo:

– Cristóvão! Sai fora e passa-me para a outra banda!

Correu fora, mas não encontrou ninguém. Voltou para dentro e, de novo, ouviu a mesma voz a chamá-lo. Pela segunda vez, correu, mas não encontrou ninguém. Chamado pela terceira vez pelo mesmo menino, saiu e encontrou-o junto da margem do rio, pedindo-lhe encarecidamente que o passasse.

Cristóvão pôs o menino ao ombro, pegou no seu bordão e entrou no rio para o vadear, levando o menino. Mas a água foi subindo gradualmente e o menino tornava-se pesado como chumbo. E, quanto mais avançava, mais as águas subiam e, mais e mais, um peso insuportável desabava sobre os seus ombros, a ponto de ficar muito angustiado e com medo de se afogar. Mas, depois de, muito a custo, ter passado o rio e saído da água, pousou o menino na margem e disse-lhe:

– Olha, menino, puseste-me num grande perigo, pois pesavas tanto, como se eu tivesse todo o mundo em cima de mim. Penso até que dificilmente haverá algo mais pesado.

– Não te admires, Cristóvão – respondeu o menino –, porque não só tiveste todo o mundo sobre ti, como levaste aos ombros Aquele que criou o mundo. Olha: Eu sou o teu Rei, Jesus Cristo, Aquele a quem serves neste trabalho. Para que saibas que é verdade o que te digo, quando atravessares, espeta na terra o teu bastão junto da tua casinhota e, amanhã, vê-lo-ás com flores e frutos.

– E logo desapareceu de seus olhos.

Então, Cristóvão passou e espetou o bordão na terra. De manhã, quando se levantou, encontrou-o como se fosse uma palmeira carregada de tâmaras.

Depois, foi para Samos, uma cidade da Lícia, cuja língua não entendia. Pediu ao Senhor que o fizesse entendê-la. Quando estava em oração, os juízes deixaram-no, julgando-o louco. Mas, tendo obtido o que pedira, Cristóvão cobriu o rosto, foi até ao circo e começou a confortar, em nome do Senhor, os cristãos que eram torturados. Então, um dos juízes deu-lhe uma bofetada; Cristóvão, destapando o rosto disse-lhe:

– Se eu não fosse cristão, vingaria imediatamente a tua afronta.

E, cravando o seu bastão na terra, pela conversão do povo, pediu ao Senhor que ele florescesse, que logo realmente aconteceu, tendo-se convertido oito mil homens.

Ora, o rei enviou contra ele duzentos soldados para o levarem até junto de si. Mas, como o encontraram a orar, recearam dar-lhe essa ordem. Mandou, de novo, igual número de homens que, ao vê-lo a rezar, fizeram o mesmo. Então Cristóvão levantou-se e disse-lhes:

– O que procurais? Ao ver o seu rosto, disseram:

– O rei mandou-nos para te levarmos acorrentado.

– Se eu quisesse, nem solto, nem amarrado, me levaríeis.

– Se não queres vir - disseram os soldados -, vai livremente para onde quiseres e diremos ao rei que não conseguimos encontrar-te.

– Não, assim não! Irei convosco. Então, converteu-os à fé e mandou que lhe atassem as mãos atrás das costas e o apresentassem ao rei assim amarrado.

Ao vê-lo, o rei ficou aterrado e caiu do seu trono. Levantado pelos seus servos, interrogou-o acerca do seu nome e da sua pátria. Disse-lhe Cristóvão:

– Antes do baptismo, chamava-me Réprobo agora o meu nome é Cristóvão. Antes do baptismo, era cananeu, mas agora sou cristão.

– O nome que te deste é estúpido, pois é o nome de Cristo crucificado que nem foi proveitoso a ele, nem a ti beneficiará. Portanto, cananeu maldito, porque não sacrificas aos nossos deuses?

– Com toda a propriedade te chamas Dagnus, porque és a morte do mundo e o sócio do diabo e os teus deuses são obra das mãos dos homens.

– Foste criado entre as feras e só podes falar a língua delas, desconhecida dos homens. Mas, se sacrificares agora, conceder-te-ei muitas honras. Caso contrário, morrerás no meio de suplícios atrozes.

Pela oração e pelas maravilhas que, por seu intermédio, o Senhor operava, à Igreja acrescentava o número de fiéis. Foi preso, sob o imperador Décio, na cidade de

Samo, província da Lícia. O juiz procurando atraí-lo com promessas e atemorizá-lo com ameaças, em vão o persuadiu a adorar os falsos deuses.

Depois, fez com que encerrassem, com ele, duas jovens - uma chamava-se Niceia e a outra Aquilina – prometendo-lhes muitos presentes se conseguissem que ele pecasse com elas. Ao ver isto, Cristóvão logo se entregou à oração, mas como elas o importunavam, batendo palmas, e o abraçavam, levantou-se e disse-lhes:

– Que quereis e porque fostes metidas aqui? Elas, aterradas com a luz do seu rosto, disseram:

– Tem pena de nós, santo de Deus, para que possamos acreditar nesse Deus que pregas.

Sabendo disto, o rei mandou que lhas levassem e disse-lhes:

– Até vós vos deixastes seduzir?! Juro pelos deuses que, se não sacrificardes, morrereis de má-morte.

– Se queres que sacrifiquemos – responderam –, manda limpar as ruas e praças, e reunir todo o povo no templo. Feito isto, entraram no templo, desataram os cintos, puseram-nos ao pescoço dos deuses, puxaram-nos para baixo, quebraram-nos em pedaços e disseram aos presentes:

– Ide chamar médicos que tratem dos vossos deuses!

Por ordem do Rei, dependuraram Aquilina, armaram-lhe nos pés uma pesada pedra e assim lhe arrancaram os membros. Tendo migrado para o Senhor, sua irmã Niceia foi lançada ao fogo; e, como saiu ilesa, logo a decapitaram.

Enviou-lhe, ao cárcere, mulheres lascivas e desonestas, a fim de o provocarem para o mal, porque estimava que, se ele perdesse a castidade, mais facilmente perderia a fé e a graça de Cristo que, como enviado de Deus, pregava. Mas, ao entrarem no cárcere, as infames mulheres, tiveram um pavor e repulsa tal que, reconhecendo a sua maldade, se lhe lançaram aos pés, suplicando que lhes alcançasse o perdão de Deus. Tendo sido tão bem instruídas por ele e confirmadas na verdadeira fé do Senhor, acabaram por se entregar ao martírio, por Cristo. E com elas muitos outros cavaleiros, pela mesma causa, padeceram a mesma pena e derramaram o seu sangue pelo Senhor.

Como o juiz não obtivesse o resultado desejado, determinou executar na sua fúria e furor, fazendo-o morrer com novos e requintados tormentos. Em primeiro lugar, que o açoitassem cruelmente. Depois, apresentaram Cristóvão ao rei, que ordenou lhe batessem com vergas de metal e lhe pusessem um elmo de ferro em brasa na cabeça; depois, mandou fazer um estrado de ferro, onde acorrentaram Cristóvão, besuntando-o com pez que incendiaram. Mas o estrado derreteu-se como cera e ele saiu ileso.

O fortíssimo mártir, com rosto sereno, pôde dizer ao Tirano: *Pela força de Jesus Cristo, não sinto os teus tormentos*. Ao vê-lo livre deste tormento, sem qualquer lesão, muitos dos presentes se converteram ao Senhor.

A seguir, mandou que o amarrassem a uma estaca, para que quatrocentos soldados o crivassem de setas. Mas todas as setas paravam no ar sem que nenhuma conseguisse atingi-lo. O rei, julgando que tinha sido morto, começou a insultá-lo. De

repente, uma seta virou-se no ar e foi contra ele, ferindo-o num olho, que logo ficou cego. Disse-lhe Cristóvão:

– Amanhã, vou morrer. Mas tu, tirano, deves fazer lama com o meu sangue e untar com ela o teu olho para seres curado.

O rei ordenou que o decapitassem. Então, o santo fez uma oração e foi degolado. O rei apanhou um pouco de sangue, pô-lo no seu olho e disse:

– Em nome de Deus e de S. Cristóvão. E imediatamente o olho ficou são. Por isso, o rei acreditou e determinou que quem blasfemasse contra Deus ou S. Cristóvão logo fosse morto à espada.

Ungido com o sangue do mártir que tinha caído por terra, recuperou a vista do corpo e da alma, iluminado pelo Senhor. No fim, cortaram-lhe a cabeça. Mas antes, pediu humildemente a Deus que nem granizo, nem pedra, nem fogo, nem fome, nem peste fizessem dano no lugar onde o seu corpo fosse sepultado. Com esta oração, entregou a sua bendita alma nas mãos do Senhor que o havia criado e concedido a vitória sobre a própria morte. Converteram-se à fé de Cristo, pela sua pregação, quarenta e oito mil pessoas.

Por outro lado, Santo Ambrósio diz o seguinte no prefácio deste mártir: «*Senhor, deste a Cristóvão tanta força e tanta graça à sua pregação que, com os seus milagres fulgurantes, conseguiu arrancar ao erro do paganismo quarenta e oito mil homens e levá-los ao culto da fé cristã. E também arrancou Niceia e Aquilina de um prostíbulo público, onde havia muito serviam a prostituição imunda, e ele levou-as a hábitos de castidade, preparando-as para receberem a coroa do martírio. Depois, amarrado a um estrado de ferro não temeu o ardente calor da fogueira, nem pôde ser atingido pelas setas com que, durante um dia inteiro, os soldados o frecharam. Mas uma delas feriu um olho do seu algoz, a que o sangue do santo mártir, amassado com terra, restituiu a luz, iluminando o seu espírito, ao tirar-lhe a cegueira do corpo. Por isso, pediu-te perdão, Senhor, e com súplicas alcançou que afastasses as doenças e as enfermidades.*»

O martírio de S. Cristóvão deu-se, no dia 25 de Julho, no ano do Senhor de 254, sendo imperador Décio, como refere o Martirológio Romano e o Cardeal Barónio. A Igreja celebra-o em 25 de Julho.

Habitualmente, pinta-se S. Cristóvão com o Menino Jesus ao ombro, a passar um rio. O fundamento para que se pinte assim, existe no facto de que S. Cristóvão passou muitas ondas de tormentos e trabalhos, com a grande fortaleza que o Senhor lhe deu. E colocá-lo em lugares altos deverá ser pela graça que nosso Senhor lhe concedeu contra as tempestades de granizo e trovões, como ficou dito.

### **CULTO**

Atestado desde 450 por uma inscrição grega da Asia Menor, o culto de São Cristóvão difundiu-se em Constantinopla e na Sicília. A sua popularidade tem a ver com a protecção contra uma das desgraças mais temidas na Idade Média, a *morte súbita* sem confissão, a que se chamava a má-morte. Segundo se fez crer, bastava olhar a imagem de São Cristóvão para ficar imune, nesse dia, de tal perigo. Tal crença raia, por vezes, a superstição (perspectiva que se afasta do cristianismo que refere a fé autêntica, consentida, celebrada e testemunhada)

*Christophorum videas / Postea tutus eas.*

**(Olha Cristóvão e estarás seguro)**

**Ou:**

*Christophori sancti speciem quicumque tuetur / Ista nempe die non morte mala morietur.*

**(Olha a imagem de S. Cristóvão e não terás morte-má)**

**Ou:**

*Cristoforifaciam die quacumque tueris. / Ila nempe die morte mala non morieris.*

*Vigilate quia nescitis diem neque horam.*

**(Olha a face de Cristóvão e livrar-te-ás de morte-má / Vigiai, pois não sabeis o dia e a hora)**

**Ou:**

*Regarde saint Christophe, puis va-t-en rassuré.*

**(Olha para São Cristóvão e estarás seguro)**

**Por vezes, toma forma de provérbio popular:**

*Quand du grand saint Christophe on a vu le portrait, / De la mort, ce jour-là, on ne craint plus le trait.*

**(Se de S. Cristóvão, olhares o seu retrato / Nesse dia, da morte não lhe temerás um traço).**

**Ou:**

*Glorieux saint Christophpe, au matin te voyant, / Sans crainte d'aucun mal, on se couche en riant.*

**(Glorioso S. Cristóvão, se te vir pela manhã / Sem temor me deitarei, toda a maldade será vã.)**

Isso explica o prodigioso número de imagens gigantescas do santo, pintadas ou esculpidas, nas fachadas e entradas das igrejas ou, como em Berna, sobre as portas das cidades. Era necessário que estivessem à vista tanto como possível e que fossem de grandes dimensões para que os fiéis as pudessem ver facilmente. Tais imagens preventivas ou apotropaicas, seriam inumeráveis se não tivessem sido destruídas após a Reforma protestante e o Concílio de Trento.

### **Patrocínio**

Protector da morte súbita, também era invocado contra a peste, pertencendo ao grupo dos santos antipestíferos, com S. Sebastião e S. Roque, contra o mal dos olhos, dor de dentes e panarício, etc.

Numerosas corporações reivindicavam o seu patrocínio. Os que exerciam ofícios com risco: na Idade Média os *arcabuzeiros*, na actualidade os *marinheiros*, *barqueiros*, *montanhistas*, *automobilistas* e *aviadores*. Pela sua estatura e força, os *atletas*, os *carreões* e *moços de fretes*. E ainda, os *viajantes*, *peregrinos*, *jardineiros*, etc.

Ele é reverenciado como um dos catorze santos auxiliares (Contra a peste bubónica e perigos durante a viagem). Seu patronado é vasto, sendo mais conhecido por assuntos relacionados a viagem.

**Na diocese do Porto, S. Cristóvão é o patrono de 10 paróquias.**

### **ICONOGRAFIA**

Apesar de tudo, a iconografia de S. Cristóvão é riquíssima. Muito mais tardia que o seu culto, desenvolve-se a partir do século X. O mais frequente atributo é o bastão (tronco de árvore, sem ramos) em que se apoia.

A tipologia iconográfica não é fixa e uniforme como a da maioria dos santos e apresenta três variantes:

#### **1. O tipo barbudo**

Igual que Cristo, Cristóvão é representado quer barbudo, quer imberbe. O tipo barbudo é o mais frequente.

#### **2. O tipo imberbe**

Não obstante, às vezes, o santo é apresentado com os recortes de um jovem imberbe. Podem citar-se exemplos tanto na arte italiana (Cesare da Sesto, Bueno da Ferrara) como germânica (retábulo de Käfermakt).

### **3. O tipo cinocéfalos**

Gr.: Christophoros kynokephalos. Lat.: Sanctus Christophorus canineus. Fr.: Saint Christophe Cynocéphale. It.: San Cristoforo cinocefalo, Cananeo, a testa di cane. Ingl.: The dog-headed St. Christopher. Al.: Der hundsköpfige Christophorus, Der Riese mit einer Hundsschnauze.

Um tipo raro no Ocidente é S. Cristóvão com cabeça de cão, cujo nariz se alarga em focinho e tem orelhas pontiagudas e língua pingente.

Propôs-se inúmeras explicações para tal singularidade. As comparações sustentaram que essa cabeça de cão fora copiada das representações do deus egípcio Anúbis. S. Cristóvão seria um *Anúbis* cristianizado.

Outra hipótese, apresenta a origem do tema nas lendas asiáticas popularizadas pelo *Fisiólogo* e *Bestiários*, sobre uma raça fabulosa de cinocéfalos existente nos confins do mundo habitado. No Pentecostes arménio, uma personagem com cabeça de cão simboliza os povos que vinham dos confins do mundo para ouvir a palavra do Evangelho. No tímpano de Vézelay esta tradição encontra eco. A terceira explicação é que, nos martirólogos antigos, S. Cristóvão era considerado pertencer a uma família cananea (*genere cananeo*), que os copistas modificaram, com a alteração de «a» em «i», *canineo* (*genere canineo*). "Nada mais seria preciso para divulgar a crença num gigante com cabeça de cão". Não obstante, esta hipótese defendida por Künstle choca com uma objecção que, ao menos, conviria discutir, isto é, que quase todas as representações de S. Cristóvão cinocéfalos pertencem à arte cristã do Oriente, ou seja, ao mundo grego, e que a confusão entre *cananeo* e *canineo* só no Ocidente se poderia dar, onde a língua litúrgica era o latim",

Deve, aliás, observar-se que a cananea que pede a Cristo a cura de sua filha, também tem um cão como atributo ou armas persuasivas.

Por último, os evangelistas, que costumam ser representados nos manuscritos com cabeças de animais que são os seus símbolos, águia, leão, touro, poderão ter servido de modelos.

Na arte oriental, o cinocéfalos costuma ser representado com couraça e lança empunhada.

No Ocidente, o que, sobretudo, o caracteriza, para além da sua estatura de gigante, é a atitude de *Cristóforo*: leva o menino Jesus sentado ou montado nos seus ombros robustos. Também se suspeitou da adaptação cristã de um tema pagão: *Atlas sustendo o mundo*, ou mesmo, possivelmente, *Hércules levando o menino Eros*. Para os antigos, a famosa estátua de Lisipo, popularizada nas gemas, esculpido nos camafeus, evocava a ideia da submissão ao Amor, dos homens mais fortes: *Omnia vincit Amor*. Os cristãos ter-se-iam apropriado do tema limitando-se a mudar o seu significado, substituindo o menino Eros pelo Menino Jesus, e a maçã de Hércules por uma árvore que reverdece. Ora esse *bastão folhado* é o atributo habitual de S. Cristóvão.

### **4. Evolução do tipo**

A tipologia de S. Cristóvão não permaneceu imutável. Nas realizações mais antigas, o Porta-Cristo é *representado imóvel*, em posição frontal. O Cristo a quem serve de suporte não é um menino, mas um adulto barbudo, em Majestade. A partir do século XIV, ao contrário, o hieratismo primitivo dá lugar ao gosto pictórico. O santo é representado *em marcha*, avançando penosamente na água do rio que lhe chega a metade das pernas e curva-se sob a carga. Está vestido como um simples passageiro,

com pernas nuas e um turbante ou cinta na cabeça. Enquanto Cristo, já não é um homem, mas um menino pequeno vestido com uma camiseta ou completamente nu, quer sentado sobre o ombro do gigante, quer montado sobre o seu pescoço.

O bastão em que se apoia o gigantesco carrejão, converte-se num tronco de árvore sem ramos, a maior parte das vezes, uma palmeira, talvez alusiva a palma do martírio.

O facto de a torrente estar povoada de peixes ou sereias, embora encantadoras, mais marítimas que fluviais, não fazem lembrar os cursos dos rios, com salmões, sáveis e lampreias.

## **1. Figuras**

### **A) S. Cristóvão barbudo**

**Século X:** Mosaico de S. Lucas, em Fócida. - Fresco de Santa Maria a Antiga, Roma. Tem como atributo uma palma e um bastão reverdecido. - Fresco na igreja de S. Vicente de Galliano, junto ao Como.

**Século XII:** Fresco na igreja de S. Juniano, (Alta Viena). O gigante, cujo rosto se destaca em relevo sobre capa de estuque, tem uma altura de quatro metros e meio.

**Século XIII:** Frescos. Catedral de Bona, de Gurk (Carintia). - Vitrais da catedral de Estrasburgo.

**Século XIV:** Figura em alto-relevo adossado ao flanco sul da catedral de Amiens. - Fresco da Tor Ferrande, em Pernes (Vaucluse). - Fresco de Cunault. Anjou. O gigante, pintado sobre um pilar, tem um tipo oriental. - Fresco do transepto da abadia de Westminster, Londres. - Estátua. Catedral de Ratisbona. - Estátua de prata. Museu Histórico de Basileia.

**Século XV:** Jan van Eyck. San Cristóvão marcha à cabeça do grupo de los eremitas e de peregrinos, que domina pela sua alta estatura. Não leva o Menino. Retábulo do Cordeiro Místico, igreja de S. Bavón. Gand. - Hans Memling. Tríptico do burgomestre G. Moreel. Museu de Bruges. S. Cristóvão entre S. Gil e S. Mauro. - Fresco da igreja de S. Pierre le Jeune, Estrasburgo. - Martin Schongauer. Gravado em vão. - Estátua monumental, «de admirável altura» em Notre-Dame de Paris, oferecida em 1415, como ex-voto, pelo cavaleiro Antoine des Essars e situada na entrada da nave, destruída em 1788. - Estátua da catedral de Auxerre. Destruída pelos cónegos em 1768. - Estátua de madeira em Lyons la Forêt (Eure). O passador apoia-se sobre o tronco de uma árvore podada; o Menino Jesus, sentado sobre o seu ombro esquerdo, apoia a mão sobre a sua cabeça. - Estátua de madeira em Saint Christophe du Jambret (Sarthe). - Estatueta de prata dourada procedente de Castelnaudary. Colecção Pierpont Morgan. Museu Metropolitano de Nova Iorque. - Estátua. Coro da catedral de Colonia. - Estátua procedente da igreja de San Sebald, 1442. Museu Germânico, Nuremberg. - Estátua na igreja de St. Jacques de Rotenburg, nas margens do Tauber, Baviera. - Estátua da fachada de Santa Maria di Villa. Castiglione d'Olona. - Vitral. Catedral de Saint Omer.

**Século XVI:** Estátua policromada. Igreja de Saint Loup, em Châlons sur Marne. - Estátua de pedra. Igreja de Notre-Dame de Verneuil (Eure). A água do rio só lhe chega aos tornozelos. Na margem um eremita ilumina-o com uma lanterna. - Alonso Berruguete. Estátua de madeira. Museu de Valladolid. - Mestre de S. Rasyon. Estátua de madeira, 1530. O vento sopra o seu manto. O Menino puxa-lhe a barba. Frauenkirche. Munich. - Durer. Folha de estudos com nove desenhos à pena que representam o santo em diferentes atitudes, 1521. Sala das Estampas, Berlim.

**Século XVII:** Jean de Dieu. Estátua de pedra procedente de Saint Trophime de Arles. - Jordaens. Colecção Goudstikker, Amsterdam. O gigante, nu e iluminado por o eremita que segura uma candeia, vacila sob o peso do Menino que leva o globo.

### **B) S. Cristóvão imberbe**



**Século XV:** Estátua de madeira. 1480. Retábulo de Käfermarkt (Alta Austria). - Francesco di Giorgio. Estátua de madeira policromada e dourada. Atribuída outrora a Vecchietta. Louvre.  
- Fiorenzo di Lorenzo. Instituto Staedel, Frankfurt.

**Século XVI:** Cesar da Sesto. Castello Sforzesco. Milão.

***C) S. Cristóvão cinocéfalo***

**Século XII:** Miniatura do *Codex historicus* da abadia de Zwiefalten. Biblioteca Stuttgart.

**Século XV:** Ícones bizantinos. Museu de Sofia e Museu Russo de S. Petersburgo.

**Século XVI e XVII:** Frescos do monte Athos. Mosteiro de Chilandari.

**Século XIX:** Ícones e imagens populares russas (Rovinski, III, N° 1637).

**Tradução e adaptação de M. Amorim**